

Mais de 12 adolescentes, em média, foram assassinados no Ceará a cada semana de 2020

Em um ano violento em diferentes contextos, foram registrados 4.039 homicídios no Ceará, 16% do total foram adolescentes de 10 a 19 anos. Em Fortaleza, a cada dois dias um adolescente foi violentamente morto, e no Ceará, uma menina foi assassinada a cada cinco dias. Ainda que a pandemia da Covid-19 tenha nos colocado frente a frente com a morte, a paralisação policial no estado marcou o mês mais violento do ano e reforçou o contexto de vulnerabilidades que são parte das circunstâncias dos homicídios de adolescentes.

Atravessamos um ano que parece ainda não ter acabado e que é difícil acreditar que passamos por ele - para quem sobreviveu. 2020 definitivamente foi um ano de perdas a nível planetário, horizontalizou o luto por mortes trágicas, globalizou o medo da iminência da morte. Não são aprendizados fáceis, muito menos os únicos diante de todo contexto que acompanhamos dia a dia sem saber do dia seguinte.

A pandemia do novo coronavírus despertou sentimentos e situações inimagináveis, além das mais previsíveis e absurdas reações à dor e ao medo da morte ao redor do planeta Terra. A potência de um vírus letal para a humanidade, mostrou que a ciência precisa ser urgentemente levada a sério e que meio ambiente e saúde são incontestavelmente ligados, ainda que precisemos lidar com grupos negacionistas, uma vez que muitos deles ocupam cargos importantes que definem o rumo da humanidade, a nível local e global. E tudo isso é política, são atos políticos que interferem na vida cotidiana, e também na morte, seja a cotidiana seja a que surpreende.

E que morte comove as pessoas, a sociedade, a política, o mundo? A questão não é comparar as diferentes mortes, nem quantidade, nem a gravidade, nem os lutos sofridos após o acontecimento. Todas as mortes são irreparáveis. O que se discute são as circunstâncias e o que as antecede. Em 2020, só no Ceará, perdemos aproximadamente 10 mil vidas para a COVID-19, no Brasil foram mais de 195 mil famílias em luto vítimas da pandemia.

Epidemia de violência crescente em tempos de pandemia

O estado do Ceará foi exemplar na gestão da saúde durante a pandemia, na tentativa de minimizar os efeitos da superlotação de unidades de saúde e UTIs com medidas rígidas de isolamento, campanhas de sensibilização e uso obrigatório de máscara, por exemplo. Entretanto, o Ceará se viu novamente no agravamento de outra epidemia, a de homicídios, que há uma década se mantém alta, mesmo que haja queda em alguns anos da série histórica até 2020.

Em todo o Ceará, perdemos 12,58 adolescentes de 10 a 19 anos¹ por semana, em média, no ano de 2020. Ao todo, foram 677 Crimes Violentos Letais Intencionais (CVLIs) contra adolescentes nessa faixa etária, de acordo com os registros da Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social do Ceará (SSPDS), cujos dados foram consolidados dia 21 de janeiro deste ano e analisados pelo Comitê de Prevenção e Combate à Violência, da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará.

Ainda nos primeiros dias de 2021, deparamo-nos com o brutal assassinato de Keron Ravache, menina trans de 13 anos morta a chutes, pauladas e facadas em Camocim, município do litoral oeste do Ceará, na madrugada do dia 4 de janeiro. Ano passado, em junho, também houve morte de extrema violência contra outra pessoa trans, no mesmo município. Uma jovem de 22 anos, Luana Kelly, foi assassinada por quatro rapazes, após tentar fugir de suas ameaças.

¹A faixa etária de 10 a 19 anos para adolescentes é definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS), adotada pelo Comitê para análise de dados baseados em evidências, padrão este utilizado por órgãos de saúde.



Em tempo, com relação ao ano passado, o Ceará ficou em segundo lugar no ranking de estados brasileiros que mais mataram travestis e transexuais em 2020, registrando 22 assassinatos, um aumento de 100% com relação a 2019, segundo dados divulgados no “Dossiê: Assassinatos e violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020”, da Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil (ANTRA) e Instituto Brasileiro Trans de Educação (IBTE).

Tais crimes, estereotipados, lembram-nos que continuamos a presenciar a brutalidade dos dias de 2020, bem como estamos longe de alcançar soluções para a barbárie que vulnerabiliza e mata adolescentes no estado. Os dados mostram que mesmo com uma redução consecutiva de CVLIs de 2018 e 2019, o aumento foi de 90,70% de casos contra adolescentes de 10 a 19 anos em 2020, com relação ao ano anterior.

Dos 4.039 homicídios registrados no Ceará em 2020, meninas e meninos de 10 a 19 anos representam 16,76% das vítimas. No entanto, esses adolescentes e os jovens de 20 a 29 anos, que são 40,85% das vítimas de CVLI no estado, resultam em mais da metade das pessoas que

perdem para violência letal em 2020, 57,61% do total. Essas informações podem ser vistas na Tabela 1.

Quando fechamos essa conta, o ano de 2020 apresenta um aumento de 78,95% dos casos de CVLI no Ceará em comparação com o ano anterior, mas podemos observar que para adolescentes, jovens e crianças entre 0 e 5 anos o aumento é expressivo, chegando a ser três vezes maior para o último grupo.

Nesse ponto, observamos o drástico aumento de crimes violentos contra crianças. Em outubro, mês em que celebramos o Dia das Crianças no Brasil, lançamos a terceira Nota Técnica do ano com uma triste conclusão: até setembro, 2020 já era o ano mais letal para crianças com menos de seis anos de idade, comparado aos outros anos de uma série histórica desde 2010, disponibilizada pela SSPDS. Até dezembro, 15 crianças de 0 a 5 anos foram vítimas de homicídio no estado, sete meninas e oito meninos. Comparando-se com o ano de 2019, quando foram registrados cinco assassinatos nessa faixa-etária, o aumento na média mensal foi de 3 vezes, aproximadamente.

Tabela 1. Comparação da quantidade de casos de CVLI por faixa etária entre 2019 e 2020, Ceará.

Faixa etária	2019	2020	% de 2020	Comparação com 2019
De 0 a 5 anos	5	15	0,37%	200,00%
De 6 a 9 anos	1	1	0,02%	0,00%
De 10 a 19 anos	355	677	16,76%	90,70%
De 20 a 29 anos	834	1650	40,85%	97,84%
De 30 a 39 anos	517	868	21,49%	67,89%
De 40 a 49 anos	260	408	10,10%	56,92%
De 50 a 59 anos	122	191	4,73%	56,56%
De 60 a 69 anos	54	62	1,54%	14,81%
De 70 a 79 anos	23	21	0,52%	-8,70%*
Acima de 80 anos	9	9	0,22%	0,00%
Idade não informada	77	137	3,39%	77,92%
Total	2257	4039	100,00%	78,95%

Nota: *Valores negativos indicam redução

Fortaleza continua sendo o termômetro da dinâmica dos homicídios no estado. A capital registrou 1.251 assassinatos no ano passado, um aumento de 88,69% em comparação com 2019. E como em todo o Ceará, os casos de homicídio em Fortaleza se concentram entre as vítimas adolescentes e jovens, que juntas somam 60,52% dos casos. O aumento

de casos em 2020 foi de 88,14% para adolescentes de 10 a 19 anos e 111,46% para jovens. Esse aumento também é observado de maneira acentuada em outras faixas etárias específicas, como a de crianças entre 0 e 5 anos (100%) e adultos entre 40 e 49 anos (95,08%). Essas informações podem ser vistas na Tabela 2.

Tabela 2. Comparação da quantidade de casos de CVLI por faixa etária entre 2019 e 2020, Fortaleza.

Faixa etária	2019	2020	% de 2020	Comparação com 2019
De 0 a 5 anos	3	6	0,48%	100,00%
De 6 a 9 anos	0	0	0,00%	-
De 10 a 19 anos	118	222	17,75%	88,14%
De 20 a 29 anos	253	535	42,77%	111,46%
De 30 a 39 anos	147	257	20,54%	74,83%
De 40 a 49 anos	61	119	9,51%	95,08%
De 50 a 59 anos	27	41	3,28%	51,85%
De 60 a 69 anos	10	5	0,40%	-50,00%*
De 70 a 79 anos	6	7	0,56%	16,67%
Acima de 80 anos	1	0	0,00%	-100,00%*
Idade não informada	37	59	4,72%	59,46%
Total	663	1251	100,00%	88,69%

Nota: *Valores negativos indicam redução

Traçando um paralelo entre Ceará e Fortaleza, podemos transferir essas estatísticas para os dias do ano de 2020. Entre a população geral, no estado, foram assassinadas, aproximadamente, onze pessoas por dia, sendo dez homens e uma mulher; em Fortaleza, foram três homens por dia e uma mulher a cada quatro dias. Com relação aos adolescentes, dois foram vítimas de homicídio por dia no Ceará, aproximadamente, sendo três meninos a cada dois dias e uma menina a cada cinco dias. Já em Fortaleza, a cada dois dias um adolescente foi violentamente morto, um menino a cada dois dias e uma menina a cada dezessete dias.

Se mantém ainda, no estado do Ceará, a ausência de dados quanto ao perfil étnico-racial das vítimas de homicídios, impossibilitando que uma análise dimensional dos impactos do racismo estrutural seja mensurado. Mesmo com a limitação da identificação racial sendo feita por agentes de segurança, faz-se mister e urgente que a visibilização racial seja feita, possibilitando que pesquisas e proposição de políticas públicas de prevenção e enfrentamento sejam construídas e efetivadas.



Violência institucional resultou em quase 12 mortes por mês

Em meio a números, por si só alarmantes, muitas vidas se perdem, histórias viram luto e, por vezes, memórias. O primeiro dia de julho do ano passado foi o último de Mizael Fernandes da Silva Lima, de 13 anos. Vítima de um tiro disparado à queima-roupa por policiais, ele dormia quando a casa de sua tia fora invadida pelos agentes e a bala atingira em cheio seu peito, em Chorozinho. Logo após o fato, policiais alteraram o local do crime e levaram o corpo de Mizael na viatura para o hospital, mas o menino não sobreviveu. Os policiais alegaram legítima defesa, afirmando que o adolescente portava arma, versão esta que foi contestada pelo Ministério Público do Ceará e veementemente rebatida pela tia, dona da casa onde Mizael se hospedava naquele dia para fazer tratamento médico.

O crime estraçalhou a vida de sua família, chocou o Ceará e teve grande repercussão nacional, mas os dois policiais envolvidos na ação ainda não foram responsabilizados. O Inquérito da Polícia Militar do Ceará inocentou-lhes, em agosto do ano passado, amparado por excludente de ilicitude. Entretanto, o caso segue em investigação na Comarca de Chorozinho, após contestação da Promotoria de Justiça Militar e Controle Externo da Atividade Policial Militar, que alegou excesso na ação policial.

Em 2020, foram contabilizadas 143 mortes por intervenção policial, 5,5 % a mais que em 2019, quando ocorreram 136. O que dá uma média mensal de quase 12 pessoas assassinadas por policiais no Ceará (11,91). É o terceiro ano com mais vítimas letais da violência institucional desde 2013, atrás das 221 mortes de 2018 e das 161 de 2017.

Antes mesmo da pandemia eclodir no Ceará, em meados de março, vivemos outros momentos de terror, quando policiais militares paralisaram suas atividades por 13 dias em fevereiro. Nesse período, 321 pessoas foram assassinadas no estado, sendo 66 delas adolescentes (19%). A cada dia, em média, 24 pessoas eram vítimas de CLVI, cinco delas eram meninos e meninas de 10 a 19 anos.

Diante desse cenário, é importante pontuar os diferentes períodos de 2020 para se ter noção de quais eventos ou fenômenos agravaram a epidemia de violências no estado. Ao contrário do que se esperava, a adoção de medidas de isolamento social no Ceará não reduziu o número de homicídios, ainda que as ações básicas de enfrentamento à Covid-19 fossem mais difíceis de viabilizar e fiscalizar nas periferias, onde maior parte dos homicídios ocorrem, pois a arquitetura das casas e das ruas e a precariedade do saneamento básico nas comunidades não favorecem o distanciamento entre as pessoas e a higiene básica para evitar a disseminação do vírus.

O período mais violento do ano foi observado durante a paralisação de policiais militares no estado, em comparação com as demais fases do ano, uma vez que fevereiro foi o mês com maior número de casos de CVLI registrados, tanto para o estado quanto para a capital. Inclusive, a paralisação foi o episódio responsável pelo aumento de 20% do número total de homicídios no Brasil em fevereiro, comparado ao mesmo período de 2019. Esse dado foi referente aos primeiros nove primeiros meses de 2020, divulgado em novembro pelo Monitor da Violência, iniciativa que envolve a parceria entre o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, o Núcleo de Estudos da Violência, da Universidade de São Paulo, e o portal de notícias G1.

Contudo, a partir de março os números diminuem, tornando a aumentar em abril, sendo o segundo pico no número de casos, ainda para o Ceará e Fortaleza. Especificamente em relação ao Ceará, a partir do segundo pico em abril o número de casos começa a diminuir chegando ao menor valor em setembro, tornando a aumentar até novembro. Em relação a Fortaleza, a queda nos números a partir de abril acontece de forma mais gradativa, com o menor número em agosto e novo aumento até novembro.

Na Tabela 3, bem como nas Figuras 1 e 2, é possível observar determinadas fases do ano, sua duração, a quantidade de casos e a média diária de homicídios, em relação à população e aos adolescentes.

Tabela 3. Distribuição da quantidade de casos e média por fase, população geral e adolescentes.

Fase	Duração	População Geral		Adolescentes	
		Casos	Média de casos	Casos	Média de casos
1 - Início do ano	48 dias	426	8,88	69	1,44
2 - Paralisação de policiais	13 dias	321	24,69	66	5,08
3 - Neutro	17 dias	192	11,29	47	2,76
4 - Decreto	74 dias	948	12,81	170	2,30
5 - Transição	43 dias*	425	9,88	63	1,47
6 - Reabertura Fase 1	14 dias	126	9,00	26	1,86
7 - Reabertura Fase 2	14 dias	156	11,14	12	0,86
8 - Reabertura Fase 3	14 dias	104	7,43	15	1,07
9 - Reabertura Fase 4	127,5*	1330	10,43	207	2,33

Nota: *Tendo em vista as diferentes datas para início da fase, foi estabelecida uma duração média para o período

Figura 1. Distribuição dos casos de homicídio em função das fases do ano, população geral.

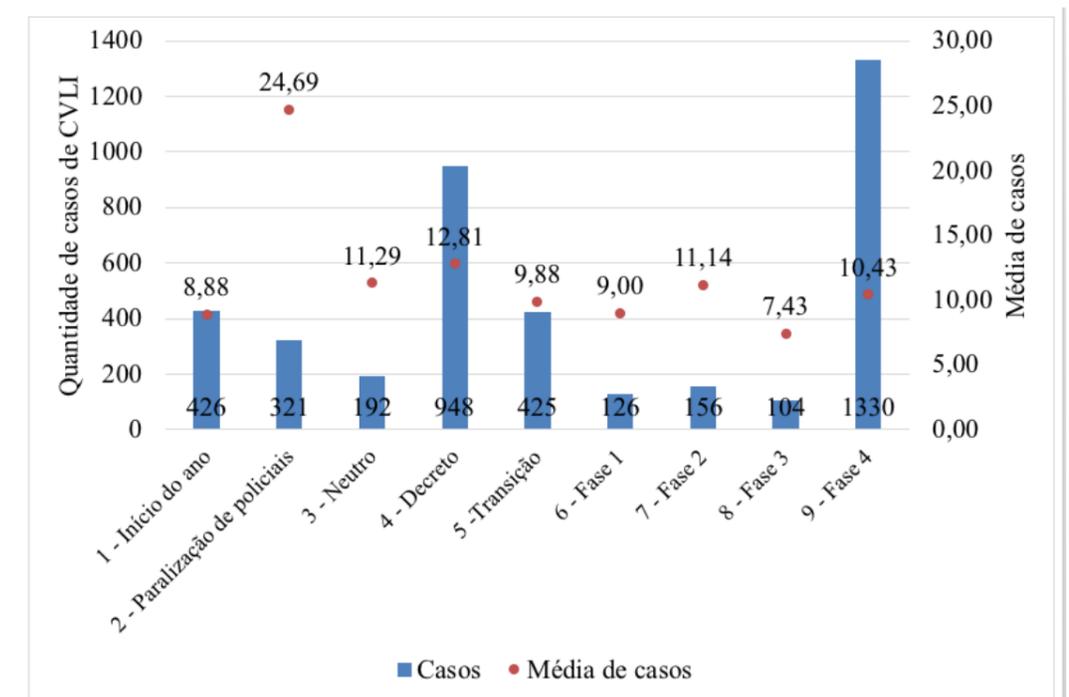
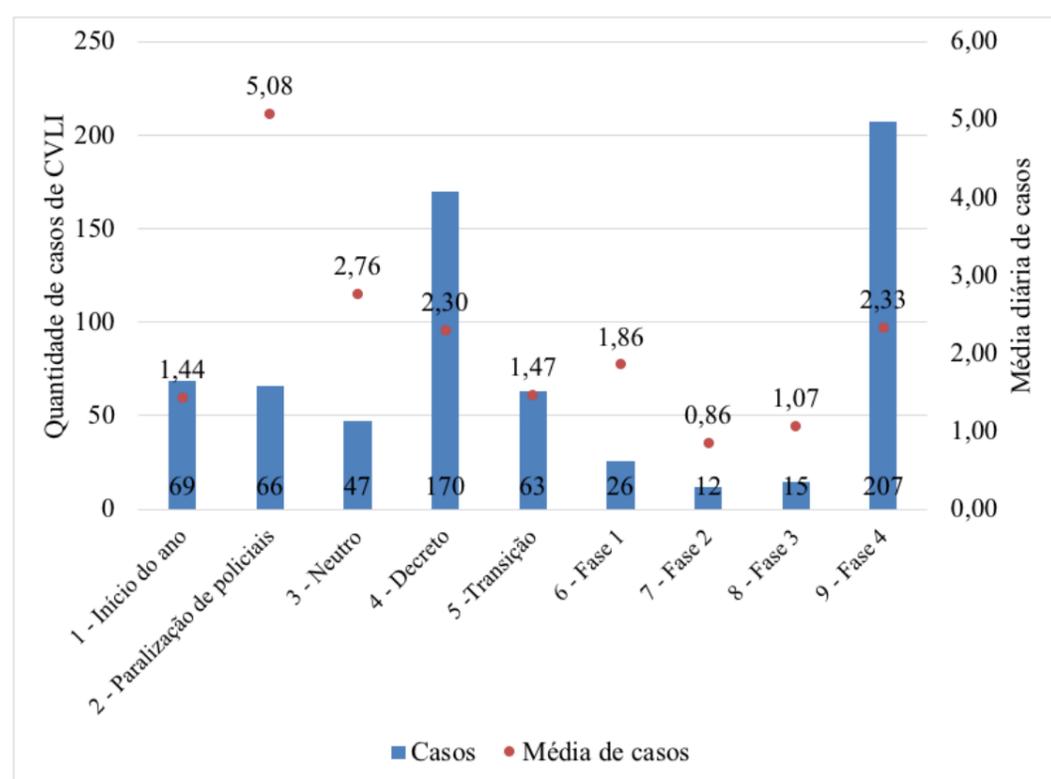


Figura 2. Distribuição dos casos de homicídio em função das fases do ano, adolescentes.



Aumento de 69,77% de mortes de meninas de 10 a 19 anos no Ceará

Ser menina no Ceará ainda é perigoso. Entre 2017 e 2018, estivemos diante de uma alta exorbitante de homicídios de meninas de 10 a 19 anos no estado e na capital. O aumento de um ano para o outro foi de 45,5% no Ceará e de 90,32% em Fortaleza, e quando comparamos 2018 a 2016, a alta foi de 322% no estado e 417% na capital. Com a queda em 2019, que foi generalizada em todas as faixas etárias, voltamos a ver um aumento importante de assassina-

tos de meninas adolescentes. Comparando com 2019, foram 69,77% de vítimas a mais em 2020 no Ceará, um total de 73 meninas mortas.

Mesmo que a tendência seja a de adolescentes do sexo masculino como a maioria entre as vítimas de homicídios, apresentando um aumento de 93,59% no estado em relação a 2019, nas tabelas abaixo observamos que a alta no assassinato de meninas de 10 a 19 anos foi mais expressiva no Ceará que na capital, o que implica verificar a interiorização do homicídio de meninas no estado. Esses dados podem ser observados nas Tabelas 4 e 5.

Tabela 4. Comparação da quantidade de casos de CVLI em função do gênero da vítima por faixa etária entre 2019 e 2020, Ceará.

Faixa etária	Masculino			Feminino		
	2019	2020	Comparação	2019	2020	Comparação
De 0 a 5 anos	1	8	700,00%	4	7	75,00%
De 6 a 9 anos	0	1	-	1	0	-100,00%*
De 10 a 19 anos	312	604	93,59%	43	73	69,77%
De 20 a 29 anos	766	1549	102,22%	68	101	48,53%
De 30 a 39 anos	465	787	69,25%	52	81	55,77%
De 40 a 49 anos	233	372	59,66%	27	36	33,33%
De 50 a 59 anos	111	178	60,36%	11	13	18,18%
De 60 a 69 anos	48	53	10,42%	6	9	50,00%
De 70 a 79 anos	19	15	-21,05%*	4	6	50,00%
Acima de 80 anos	8	5	-37,50%*	1	4	300,00%
Idade não informada	63	130	106,35%	14	7	-50,00%*
Total	2026	3702	82,72%	231	337	45,89%

Nota: *Valores negativos indicam redução

Tabela 5. Comparação da quantidade de casos de CVLI em função do gênero da vítima por faixa etária entre 2019 e 2020, Fortaleza.

Faixa etária	Masculino			Feminino		
	2019	2020	Comparação	2019	2020	Comparação
De 0 a 5 anos	0	2	-	3	4	33,33%
De 6 a 9 anos	0	-	-	0	0	-
De 10 a 19 anos	100	201	101,00%	18	21	16,67%
De 20 a 29 anos	237	501	111,39%	16	34	112,50%
De 30 a 39 anos	135	238	76,30%	12	19	58,33%
De 40 a 49 anos	57	112	96,49%	4	7	75,00%
De 50 a 59 anos	22	39	77,27%	5	2	-60,00%*
De 60 a 69 anos	8	4	-50,00%*	2	1	-50,00%*
De 70 a 79 anos	4	6	50,00%	2	1	-50,00%*
Acima de 80 anos	1	0	-100,00%*	0	0	-
Idade não informada	31	58	87,10%	6	1	-83,33%*
Total	595	1161	95,13%	68	90	32,35%

Nota: *Valores negativos indicam redução



No estudo realizado pelo Comitê de Prevenção e Combate à Violência, da Assembleia Legislativa do Ceará, “Meninas no Ceará: a trajetória de vida e de vulnerabilidades de adolescentes vítimas de homicídio”, divulgado em setembro de 2020, buscou-se investigar, com urgência, as causas das mortes e traçar políticas públicas focalizadas em adolescentes do sexo feminino. Dentre as várias questões que suscitaram, a indagação que persistia era: de que forma a vulnerabilidade social a que estão submetidas meninas adolescentes contribuiu para o aumento exponencial de assassinatos de meninas no Estado do Ceará em 2018?

Vemos agora não uma nova explosão de homicídios cujas vítimas são as adolescentes, mas uma constante na vitimização das mesmas, uma manutenção do movimento inaugurado no ano chave da pesquisa citada acima. Não visualizamos também redução considerável do número

de homicídios, sobretudo porque meninas continuam sendo violentamente mortas. Contudo, o mais inquietante é que continuamos a não identificar uma redução expressiva das vulnerabilidades sociais enfrentadas pelas adolescentes em todo o Ceará, uma vez que o aumento engendrou pelo interior do estado.

A prevenção de homicídios, por meio de políticas públicas baseadas em evidências, como defende este Comitê desde sua criação, em 2016, deve fazer parte de uma agenda pública focada na redução das vulnerabilidades, considerando determinantes sociais dos homicídios, como classe social, gênero, raça e território. Tal agenda pública também precisa atender para cinco atitudes básicas na promoção de vida não só de adolescentes, como da população em geral, como a urgência da ação, o planejamento das estratégias, a pactuação que integre políticas, a assertividade e a regularidade no comprometimento com tais políticas.



**Assembleia Legislativa
do Estado do Ceará**

Comitê de Prevenção e Combate à Violência

R. Barbosa de Freitas, 2674 - Dionísio Torres
Fortaleza/CE 60170-900

 (85) 3277.2789

 comite.ccpha@al.ce.gov.br

 cadavidaimportaoficial

 @cadavidaimportaoficial